

Nas tramas da memória: a cronista e militante Eneida de Moraes

Eunice Ferreira dos Santos

1. A escrita de Eneida em algum lugar da história político-literária brasileira

O fenômeno literário memorialista abriu espaço, por ser menos sexista, à autoria feminina, sendo a crônica, neste sentido, uma forma narrativa promissora, embora considerada uma “literatura menor” pelo cânone oficial, e passível, segundo alguns teóricos, de se exaurir nas páginas dos jornais ou mesmo de livros. Contudo, as mulheres não deixaram de publicar suas memórias, apesar de serem essas uma criação literária que não as tornava/torna visíveis entre a produção dos consagrados escritores, ainda mais em se tratando daquelas que aliam suas escrituras ao ativismo político.

No caso brasileiro, a militância político-literária das mulheres ainda é marcada por silêncios e rasuras históricas, seja pela incipiente bibliografia a respeito, seja pelas referências documentais subsumidas na sobrevalorização dada à trajetória do contingente masculino. Entretanto, ao exame da biografia de algumas escritoras – a exemplo: Pagu, Raquel de Queiroz –, observa-se que vivenciaram, panfletária e literariamente, a guinada ideológica do marxismo, encontrando, desse modo, as frestas para veicularem suas idéias e se colocarem na vanguarda da ruptura dos paradigmas sexistas vigentes.

Entre essas ativistas, destacou-se Eneida de Moraes (1903-1971), jornalista e escritora paraense, como mulher que rompeu, ou pelo menos afrontou, os padrões instituídos ao papel feminino de sua época, transitando em redutos marcadamente masculinos: a redação de jornais, a publicação de livros e a célula partidária. Seduzida pelas idéias socialistas, na década de 1930, integrou-se ao discurso proletário quando este se fez uma motivação radical, produzindo e distribuindo material de propaganda e jornais de célula. Nos anos subseqüentes, e até a década de 1970, participou efetivamente dos programas do partido comunista (PCB). Em razão dessa militância, sofreu inúmeras prisões e perdeu vários empregos.

A maneira de a escritora interpretar o mundo, segundo sua opção ideológica, encontra-se registrada em vasta produção intelectual publicada em periódicos e livros – mecanismo que ela utilizou para veicular suas idéias em 50 anos de atuação no cenário político e jornalístico-literário brasileiro (1920-1970)¹. No conjunto dessa obra, há que se destacar um número expressivo de crônicas “militantes”² de conteúdo ao molde das teses marxistas-leninistas, conforme registrado nos livros que compõem a trilogia memorialista da escritora: *Cão da madrugada* (1954); *Aruanda* (1957) e *Banho de cheiro* (1962).

Essas obras atestam uma escritura de autoria feminina explicitamente engajada na defesa dos princípios comunistas, tanto aqueles influenciados pelo Stalinismo quanto os resultantes dos debates pós Relatório Kruschev. As crônicas revelam muito das dificuldades que a escritora enfrentou, porque transgrediu os códigos patriarcais para exercer sua opção política, conquistar espaços e autonomia literária – a exemplo do que aconteceu com outras mulheres que também se infiltraram nos redutos masculinos, buscando desbloquear os interditos culturais ao seu gênero.

A conquista desse espaço público começou no Pará, com tons literários e políticos. Mas a rebeldia teve um preço: romper o casamento, deixar Belém e os filhos, para fixar residência no Rio de Janeiro (1930) e alicerçar uma convivência intelectual e partidária com um grupo que a iniciou nas leituras sobre a filosofia marxista, conforme relata em Carta-Testamento de 1969: “adquiri uma ideologia, tracei friamente o meu caminho e fui por ele, certa de estar certa...”. A situação-limite conseqüente desse gesto é revisitada, na trilogia citada, em recortes de memória sobre a práxis revolucionária que vivenciou, acreditando na construção de signos libertários e igualitários. E, nessa crença, a sociedade imaginada é expressa em linguagem simples e em uma forma literária acessível “à grande massa”: a crônica.

¹ Desse período, cerca de 5850 peças documentais (crônicas, reportagens, discursos, informações sigilosas etc.), entre os anos 2000-2004, foram reunidas e organizadas em coletânea digital (7 volumes em CD-ROM), pela autora deste artigo. Atualmente, esses documentos se encontram sob custódia do GEPEM, integrando o acervo da Casa da Escritora Paraense (CASAPEPA – Belém/PA).

² Aproprio-me, aqui, da classificação de Constância Lima Duarte, em seus estudos sobre Adalgiza Nery, em *A crônica feminina brasileira*, 1995, pp. 107-13.

2. A cronista e a militante: o ideário comunista revisitado pela memória

2.1. *Cão da madrugada*³

Coletânea de 29 crônicas, gestada durante o segundo governo Vargas e publicada em 1954. O título é uma referência simbólica ao caminhar gradativo dos “oprimidos” em busca da esperança, à medida que a madrugada significa a claridade que precede o nascer do sol; uma “nova era” para aqueles que “não estavam de acordo com certos ruídos nem com o pisar de certos pés”. E por medida de ordem tática, anuncia, na página de abertura do livro, que não vai citar nominalmente os/as personagens.

O discurso é marcado por questionamentos sobre as perspectivas salvadoras da realidade histórico-social dos anos 1950, conforme se depreende das crônicas: *Ouçam o ruído dos Jacumãs*, alusão às precárias condições de vida do amazônida, agravadas no período das enchentes: moradia, êxodo, fome; *Estão matando um homem*, denúncia a respeito da prisão e torturas sofridas pelo líder revolucionário Odúlio Barthe, envolvido numa insurreição contra o governo ditatorial de Morinigo, no Paraguai; *Cuidado, muito cuidado*, referência às crianças vitimadas pelas granadas esquecidas nos campos de combate, durante a Segunda Guerra Mundial; *Lamentos por um fracasso*, valendo-se da simbologia da primavera, contesta as medidas repressivas da Prefeitura do Rio de Janeiro contra vendedores ambulantes de plantas e flores; *Na beira do abismo*, *Samba*, defende a tese de que o rito carnavalesco, principalmente as músicas, representa a história social dos problemas brasileiros.

Na forma geral da narrativa de *Cão da madrugada*, interpenetram-se o mundo real e o ideal: o primeiro é marcado por uma série ininterrupta de “agonias coletivas” à espera de soluções; o segundo, metaforicamente, gira em torno da luta pela liberdade e igualdade numa dimensão paradisíaca – tese também enfatizada em *Aruanda* e *Banho de cheiro*.

³ Moraes, *Cão da madrugada*. Os excertos e títulos citados neste item foram extraídos das páginas: 7, 14, 70, 110, 113, 127, respectivamente.

2.2. Aruanda e Banho de cheiro⁴

Representam o lócus de rememoração do projeto político da cronista-militante: “a primeira vez que li o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim”. Essa opção nascia ao mesmo tempo em que o partido, seguindo os padrões de radicalização do ideário comunista em todo mundo, aderiu ao lema “classe contra classe”, à “proletarização”, ao “obreirismo e a uma maior aproximação com a massa trabalhadora, colocando em crise a relação com os intelectuais”. Para se afinar a esse discurso e provar que estava pronta para ser militante, Eneida começa a apagar os “resquílios pequenos burgueses” que herdara da mãe: “as belas jóias que tive, perdi em casas de penhores na etapa em que encontrei o meu caminho; justamente no momento do qual me orgulho: o da escolha de um futuro”. Esse gesto de crença no modelo bolchevique marcou a pré-inscrição da aspirante comunista ao engajamento partidário, apesar de pertencer a uma família aristocrática e de possuir uma esmerada formação escolar.

As notícias dos conflitos da Revolução Constitucionalista incendiaram a imaginação de Eneida. Até ali, desempenhara a contento todas as “provas de iniciação” para que, oficialmente, pudesse ingressar nos quadros do PCB: reuniões, panfletagem nas ruas e fábricas, catequese de jovens. Para a novata militante, São Paulo, politicamente dividido naquele momento, era o lugar ideal para agitação e propaganda junto às massas trabalhadoras, conclamando-as a lutarem pela organização de um governo operário. Nessa intenção, vai morar na capital paulista.

Essa agenda e mais os anos anteriores de voluntariado no Rio de Janeiro a credenciaram ao ingresso oficial nos quadros do PCB, em 1932. A nova tarefa era atuar em um “aparelho” localizado no Braz, onde atenderia pelo pseudônimo Nat e seria responsável pela recepção e distribuição de correspondências do partido, além da redação e distribuição de jornais e panfletos volantes. E nessa missão foi presa, conforme registro policial:

Eneida da Costa de Moraes (sic), conhecida agitadora comunista, possuía em sua residência um custoso mimeógrafo adquirido pelo “Socorro Vermelho Internacional” e a ela entregue para confecção de boletins de propaganda subversivo-comunista. Ali

⁴ Republicados em 1989 pela Secretaria de Cultura do Pará. Os excertos mencionados nesta página, lêem-se na seguinte ordem: *Banho de cheiro*, 1962 (p. 72); *Aruanda*, 1957 (p. 84).

foram encontrados centenas de boletins, já empacotados prontos para expedição, e muita correspondência do Partido Comunista⁵.

Considerada subversiva de alta periculosidade, foi colocada numa “pequeníssima sala, sem janelas, sem ar, um depósito de qualquer coisa, pois os xadrezes estavam superlotados”. O único lugar por onde entrava uma réstia de luz era um buraco na fechadura da porta, através do qual os “tiras” a vigiavam: “ficava, então, noite e dia, esperando os olhos que me espionavam, dando em cada um deles uma espetadela com o dedo indicador. Quando ouvia o grito, exclamava: acertei o inimigo”⁶.

Após quinze dias de contínuo interrogatório, foi levada a outro presídio de onde, por engano, saiu três meses depois. Refugiou-se no interior paulista até voltar ao Rio de Janeiro por ordem do partido.

Nos anos subseqüentes a essa prisão, envolveu-se em inúmeros eventos ativistas que antecederam a insurreição de novembro de 1935: comissão popular de inquérito, julgamento simbólico do líder integralista Plínio Salgado, comícios. E quando, no contexto brasileiro pós VII Congresso Internacional Comunista, surge a política de “frentes populares”, que vai culminar na criação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Eneida engaja-se nas ações da União Feminina do Brasil, colaborando na redação e distribuição de panfletos e jornais: “Minhas mãos não foram jovens nem mesmo no tempo da juventude total. Marchavam na vanguarda; agitavam-se incessantemente; nunca se pouparam”⁷. Decerto, conforme registra Graciliano Ramos em suas *Memórias do cárcere*, “as mulheres formavam um organismo secreto, uma cadeia invisível a estirar-se pela cidade, portadora de informações, teciam a teia que mantinha ligados os conspiradores”⁸.

Fracassada a revolução, entre os insurretos estava Eneida. Investigada pela Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, foi presa em janeiro de 1936, ficando detida no Pavilhão dos Primários⁹ cerca de um ano e cinco meses. Desse período, ela conta fragmentos em *Aruanda*:

⁵ Cf. Prontuário nº. 23.797/DESPS/RJ, INVENTÁRIO DESPS, *Delegacia Especial de Segurança Política e Social*.

⁶ Moraes, *Banho de cheiro*, p. 78.

⁷ Moraes, *Aruanda*, p. 75.

⁸ Ramos, *Memórias do cárcere*, p. 282.

⁹ Sobre detalhamento da cela onde ficaram as presas políticas nesse período, consultar Castro, *A sala 4: a primeira prisão política feminina* e Vianna, *Mulheres revolucionárias* de 30.

Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala da Casa de Detenção (...) de dia, no verão, as paredes ficavam molhadas pelo calor; no inverno, as paredes ficavam úmidas e um frio de doer os ossos tomava conta de nossos menores gestos. De um lado e de outro da sala, enfileiradas, agarradas umas às outras, vinte e cinco camas. Quase presas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades (...) no dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o “banho de sol” para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo as escadas, os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros... pareciam a mais bela das canções escritas sobre Liberdade¹⁰.

Incursa na Lei de Segurança Nacional, dessa prisão ela e outros insurretos saíram graças ao benefício de uma lei chamada popularmente “Macedada”, assinada pelo então Ministro da Justiça José Carlos Macedo Soares¹¹. Sem emprego e sem dinheiro, uma das primeiras pessoas a quem pediu ajuda foi Eugênia Moreyra:

ela resolveu vestir-me. Muito mais gorda do que eu, suas roupas ficavam nadando em meu corpo. Para não feri-la, andava assim mesmo; apenas um cinto conseguia manter o vestido no meu corpo. Um dia ela falou: - estás horrível. Saiu e comprou fazendas e ela própria costurou novas roupas, já agora feitas para minhas medidas¹².

Fiel ao lema do “culto à personalidade”, clandestinamente, e de forma curiosa, reverenciou, na crônica *Meu amigo José*, o líder comunista Joseph Stalin, fazendo a seguinte alusão: “o gato José veio para a minha vida como todos os outros acontecimentos. Este é um nome que sempre dou a homens de bem”¹³. Entretanto, quando o Relatório Krushev denunciou os crimes de Stalin, provocando uma auto-crítica dos programas do PCB considerados inadequados aos princípios marxistas-leninistas, Eneida, em entrevista de 1967, retifica o que dissera sobre o amigo José: “o mais é contar que tenho um gato e isto é coisa muito séria. Chama-se José. Aliás, chamava-se Joseph

¹⁰ Moraes, *Aruanda*, pp. 80 e 105.

¹¹ Vale ressaltar que Eneida foi presa outras tantas vezes em razão de sua escrita política, sobretudo no período de comemorações cívicas para evitar que “panfletasse”.

¹² Moraes, *Banho de cheiro*, p. 101.

¹³ A crônica *Meu amigo José* foi publicada na coluna “Encontro Matinal” (*Diário de Notícias*, 1954) e republicada em Moraes, *Aruanda*, pp. 156-65. Conforme relatos de Octávio de Moraes, filho de Eneida, para garantir o culto a Stalin e manter-se a salvo da repressão policial, a escritora guardava uma foto do líder comunista ainda menino.

Stalin. Mas fiquei de acordo contra o culto da personalidade e, por isso, hoje José é apenas José”¹⁴.

Esta declaração define a opção da escritora pela facção, dentro do PCB, que defendia a superação do dogmatismo stalinista em favor de uma política de coexistência pacífica e coerente com a realidade brasileira de então.

Referências bibliográficas

- ÁLVARES, Maria Luzia e SANTOS, Eunice Ferreira dos. “Violência e política em ‘companheiras de Aruanda’”, em FERREIRA, Maria Mary (org.). *Os poderes e os saberes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís-MA: EDUFMA, 2001.
- APERJ. *Arquivos das Polícias Políticas: reflexões de nossa história contemporânea*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996.
- BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- CASTRO, Maria de Moraes Werneck. *A sala 4: a primeira prisão política feminina*. Rio de Janeiro: CESAC, 1988.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DERRIDA, Jaques. *A escritura e a diferença*. Trad. de Maria Beatriz Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DUARTE, Constância Lima. “O cânone literário e a autoria feminina”, em AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1997.
- INVENTÁRIO DESPS. *Delegacia Especial de Segurança Política e Social*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.
- MORAES, Eneida de. *Cão da madrugada*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.
- _____. *Aruanda*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1957.
- _____. *Banho de cheiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- _____. “Autocrítica”. *A Província do Pará*, Belém, 03/09/1967. 2º. cad., p. 2.

¹⁴ Cf. Moraes, “Autocrítica”, p. 2.

- MORAES, João Quartim e REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. v. 1. 2ª. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- RANCIÈRE. *Política da escrita*. Rio de Janeiro: Edições 34, 1995.
- SANTOS, Eunice Ferreira dos. *O documentário social em Cão da madrugada: o caos e o cosmos*. Dissertação de Mestrado. Centro de Letras da Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.
- _____. *Eneida de Moraes: militância e memória*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2004.
- VIANNA, Lúcia Helena. “Mulheres revolucionárias de 30”. *Gênero*, v. 2, nº. 2. Niterói, 2002, pp. 27-34.

Recebido em junho de 2008.

Aprovado para publicação em agosto de 2008.